

A música silenciosa das imagens: Interpretações e significados nas pinturas murais de Pompeia

Emanuelle Kotsan de Medeiros¹
Universidade Federal do Paraná

Introdução

Situada na região da Campânia, no sul da Itália, Pompeia foi subitamente devastada pela erupção do vulcão Vesúvio em 79 d.C. O evento provocou o soterramento da maior parte da cidade sob espessas camadas de cinzas e material vulcânico, assegurando a preservação de inúmeros elementos arquitetônicos, artísticos e culturais. Tal condição possibilitou, séculos mais tarde, uma reconstrução de determinados aspectos da vida cotidiana romana do século I. As escavações, iniciadas em 1748, trouxeram à luz não apenas edificações e utensílios, mas também um vasto conjunto de afrescos que ornamentavam residências, templos e múltiplos espaços de convívio social.² Entre os diversos temas presentes nos afrescos de Pompeia, a música ocupa um lugar de destaque, evidenciando sua relevância tanto na vida religiosa quanto na vida social da cidade. Essas representações não mostram apenas instrumentos musicais, mas também figuras míticas e cenas de performance, que parecem remeter tanto ao entretenimento quanto a rituais sagrados. Tais imagens convidam a refletir sobre o papel simbólico, social e cultural da música em Pompeia e, de forma mais ampla, no contexto da Roma Antiga.

A presente pesquisa, em desenvolvimento no âmbito de Mestrado em História pelo PPGHIS/UFPR, busca analisar cinco afrescos pompeianos com temática

1 Mestranda em História no PPGHIS/UFPR sob orientação de Renata Senna Garraffoni.

2 Para maior aprofundamento da história e arqueologia de Pompeia, recomenda-se o livro de WILKINSON, Paul. *Pompeii: An Archaeological Guide*. London: I.B. Tauris & Co. Ltd, 2017; LING e ROGER. *Pompeii: History, Life & Afterlife*. Gloucestershire: Tempus Publishing Limited, 2005.

musical sob uma perspectiva iconográfica. As obras foram selecionadas a partir de critérios temáticos, que articulam referências mitológicas com elementos musicais. O objetivo principal é compreender de que modo essas imagens atuam como instrumentos de construção simbólica, refletindo em práticas de hibridização cultural e oferecendo modelos ideais de conduta, pertencimento e espiritualidade. A metodologia adotada combina a abordagem iconográfica proposta por Erwin Panofsky em seu *Significado nas Artes Visuais* (1999) e suas três etapas de análise: pré-iconográfica, iconográfica e iconológica, a classificação estilística de August Mau em *Pompeii: Its life and art* (1899) para as pinturas murais de Pompeia, os conceitos de memória cultural de Jan Assmann e a teoria da sobrevivência das imagens (*Nachleben der Antike*) de Aby Warburg contextualizada na obra de Didi-Huberman em *A Imagem Sobrevivente: história da arte e tempo dos fantasmas segundo Aby Warburg* (2013). Assim, busca-se interpretar as pinturas não apenas como fontes de informação visual, mas como agentes ativos na transmissão e transformação de significados culturais, sociais e religiosos ligados à música.

Contexto histórico e arqueológico de Pompeia

A tragédia que se abateu sobre Pompeia com a erupção do vulcão Vesúvio, em 79 d.C., resultou no soterramento de toda a cidade sob uma espessa camada de cinzas e pedra-pomes. No entanto, essa destruição proporcionou a conservação de seus edifícios, objetos e inscrições, transformando Pompeia em uma grande fonte de conservação da vida romana na Antiguidade.

Com o início das escavações no século XVIII, vários objetos vêm sendo desvendados. Entre os materiais recuperados, os afrescos se destacam como um dos mais ricos e reveladores testemunhos da cultura visual romana. Decorando os interiores de *domus*, edifícios públicos e espaços religiosos, essas pinturas apresentam uma variedade de temas que refletem tanto os valores ideológicos quanto crenças e práticas culturais. O papel dos afrescos não se resumia apenas à estética, eles ajudavam na construção de significados e na educação visual dos habitantes. Ao inscrever mitos, rituais e cenas musicais nas paredes domésticas, os moradores de Pompeia inscreviam também ideias de civilização, pertencimento e prestígio cultural.

A música na Roma Antiga

A música ocupava um papel importante na vida cotidiana da Roma Antiga. Apesar de estar em todos os lugares, ela nunca era incidental (MORGAN 2022). Presente em cerimônias públicas e privadas, rituais religiosos, espetáculos teatrais,

banquetes, funerais e desfiles militares, a prática musical integrava a experiência coletiva da sociedade romana (DESSI 2020).

No plano religioso, nas antigas religiões de mistério, marcadas por complexos rituais de purificação e expiação, a música ocupava um papel central. Ela podia atuar como acompanhamento sonoro durante os sacrifícios ou ainda como um meio de intensificar os estados emocionais coletivos, frequentemente presentes nesses cultos (SENDREY 1974).

Entre os instrumentos mais frequentemente utilizados e representados estão a *cithara* (cítara), a lira, a *tibia* (flauta dupla), e o *sistrum* (associado ao culto de Ísis), além de tambourines e pequenos instrumentos de percussão. A diversidade instrumental refletia não apenas funções distintas (ritual, festiva, bélica), mas também o contato com outras culturas do Mediterrâneo, especialmente grega e egípcia. Essa pluralidade musical evidenciava as trocas simbólicas e o emaranhamento cultural que marcavam a vida na Roma Antiga.

Além do uso prático e ritual, a música romana possuía forte valor simbólico. O deus Apolo, divindade associada não apenas à razão, mas também invocado antes das guerras, expressa a dualidade presente no próprio conceito de Harmonia (SOMAVILLA 2014). Sua imagem, símbolo de ordem, medida e racionalidade, sugere que, naquela sociedade, a música poderia ser entendida como um recurso para promover a coesão social e manter o equilíbrio moral. As Musas, filhas de *Mnemosyne* (a Memória), eram patronas das artes e do saber, evocando a música como meio de elevação intelectual e espiritual.

Assim, compreender a música na Roma Antiga também se trata de acessar um universo simbólico e performativo, onde a música operava como linguagem social, ideológica e estética. Nesse universo, as imagens musicais como as encontradas nos afrescos de Pompeia, desempenhavam um papel crucial ao representar, transmitir e fixar modelos culturais de conduta, crença e pertencimento.

Fundamentos teóricos e metodológicos

A análise das imagens musicais de Pompeia nesta pesquisa está fundamentada em uma abordagem interdisciplinar que integra os campos da História da Arte, Arqueologia, Estudos Culturais e Iconografia. Para isso, foram mobilizados autores e conceitos fundamentais que permitem uma leitura em profundidade das pinturas murais, compreendendo-as não apenas como objetos estéticos, mas como documentos visuais complexos, portadores de memória e significados culturais duradouros.

A principal metodologia empregada é a abordagem iconográfica formulada por Erwin Panofsky, que propõe três níveis de análise para obras visuais:

1. **Pré-iconográfico:** a descrição formal da imagem — composição, cores, gestos, expressões, objetos.
2. **Iconográfico:** identificação de temas e motivos, com base em repertórios literários, mitológicos ou históricos.
3. **Iconológico:** interpretação do significado simbólico profundo, ligado ao contexto cultural e ideológico da sociedade que produziu a imagem.

Para situar as imagens em seu contexto artístico e cronológico, adota-se a classificação dos estilos proposta por August Mau no século XIX. O autor divide a pintura mural pompeiana em quatro estilos:

1. **Primeiro Estilo (estilo de incrustação):** imitação de mármore com técnica em relevo (século II a.C.).
2. **Segundo Estilo (estilo arquitetônico):** uso da perspectiva para simular profundidade arquitetônica (final do século II a.C. a meados do século I a.C.).
3. **Terceiro Estilo (estilo ornamental):** ênfase decorativa, com quadros centrais figurativos em paredes monocromáticas (até meados do século I d.C.).
4. **Quarto Estilo (estilo intricado):** combinação dos anteriores, com cenas mitológicas ricas em narrativa (meados do século I d.C. até 79 d.C.).

Essa classificação é essencial para entender o estilo, a função e o momento histórico de cada afresco, além de fornecer pistas sobre os espaços domésticos e sociais onde a música era representada.

Para explorar os significados simbólicos e históricos das imagens, adota-se o conceito de *Memória Cultural*, formulado por Jan Assmann. O autor distingue entre memória comunicativa (de curta duração) e memória cultural (de longa duração), sendo esta última mantida por meio de práticas, rituais, textos e imagens que preservam sentidos e valores através do tempo (ASSMANN 2016). Segundo o autor, as imagens são veículos de estabilização simbólica: elas não apenas refletem o passado, mas o configuram como um patrimônio cultural. Ao representar Apolo, as Musas ou Ísis, os afrescos de Pompeia não apenas ilustram figuras mitológicas — eles conservam e projetam modelos de comportamento, espiritualidade e pertencimento, que participam da construção da identidade romana.

Complementarmente, a pesquisa dialoga com a noção de *Nachleben der Antike* (“sobrevivência do Antigo”) desenvolvida por Aby Warburg. Warburg entende que determinadas imagens do passado sobrevivem aos seus contextos originais, sendo reaproveitadas, deslocadas ou transformadas em novos contextos históricos. Essa “vida póstuma” das imagens permite compreender como determinados gestos,

poses e mitos visuais se mantêm como formas culturais de expressão e memória coletiva.

A principal fonte primária utilizada nesta pesquisa foi o endereço digital *Pompeii in Pictures*, que reúne registros fotográficos dos afrescos e demais achados arqueológicos da cidade. A partir da busca por palavras-chave como “instrumentos musicais”, “música” e nomes específicos de instrumentos como “lira”, “aulos” entre outros, foi possível elaborar um catálogo inicial com um total de 115 representações pictóricas de instrumentos, distribuídas da seguinte forma:

Categoria	Instrumento	Quantidade de pinturas
Idiofones	Címbalos	6
	Sistro	4
Cordofones	Cítara	14
	Lira	57
Aerofones	Flauta	22
Membranofones	Tamborim (<i>tambourine</i>)	12
Total	—	115

O levantamento também identificou 19 referências textuais a música e/ou instrumentos em contextos nos quais as pinturas originais já não existem ou em locais onde foram encontrados exemplares físicos de instrumentos durante as escavações. Para este artigo, foram selecionadas cinco imagens que atendem a critérios específicos: presença de figuras mitológicas de origem grega e egípcia; evidências de hibridização cultural entre Roma e outras civilizações; e representação explícita de instrumentos musicais.

Para o presente estudo, foi desenvolvido um instrumento metodológico denominado “Ficha de Análise Iconográfica e Contextual”, cujo objetivo é registrar e interpretar representações visuais a partir das perspectivas teóricas dos autores anteriormente citados. Abaixo segue o modelo visual da Ficha de Análise.

Essa fundamentação teórico-metodológica, portanto, permite abordar os afrescos não como objetos neutros, mas como documentos visuais carregados de sentidos culturais, onde música, mito, identidade e memória se entrelaçam.

A seguir, essa ferramenta será aplicada à análise das cinco imagens selecionadas, cada uma inserida em seu respectivo estilo, temática e simbolismo.

Categoria de Análise	Descrição
Classificação Estilística (August Mau)	[Indica o estilo e período]
Análise Iconográfica (Erwin Panofsky)	Pré-iconográfico: [Descrição formal da cena] Iconográfico: [Identificação de personagens, mitos e elementos] Iconológico: [Interpretação do significado simbólico e cultural]
Leitura segundo Jan Assmann	[Interpretação à luz da Memória Cultural: valores, identidade, continuidade cultural]
Leitura segundo Aby Warburg	[Interpretação à luz do <i>Nachleben der Antike</i> : sobrevivência e reconfiguração de formas simbólicas]

1. Apolo com Lira

Local: *Triclinium A*, parede norte, Edifício de *Moregine*, Pompeia. Escavado em 1959. Atualmente no Museu Arqueológico Nacional de Nápoles (MANN).



Fonte: POMPEIINPICTURES (2025)

Categoria de Análise	Descrição
Classificação Estilística (August Mau)	Quarto Estilo (<i>Estilo Intricado</i>), final do século I d.C.
Análise Iconográfica (Erwin Panofsky)	Pré-iconográfico: Jovem de vestes fluidas, segurando uma lira; postura ereta e olhar voltado para a frente. Iconográfico: Identificação da figura como Apolo, deus grego-romano da música, das artes, da razão e da ordem cósmica. Iconológico: Apolo simboliza a harmonia, a medida e a racionalidade, valores centrais à cultura romana, além de representar o uso da música como instrumento moral e civilizador.
Leitura segundo Jan Assmann	A imagem de Apolo preserva e transmite valores associados à cultura romana como autocontrole e equilíbrio, reforçando a memória cultural de uma tradição grega reinterpretada no contexto imperial romano.
Leitura segundo Aby Warburg	A figura de Apolo atua como forma simbólica que atravessa o tempo: uma representação oriunda da iconografia grega que é recontextualizada para afirmar ideais romanos de ordem, poder e civilização.

2. Musa Euterpe com Aulos

Local: *Triclinium A*, parede norte, Edifício de *Moregine*, Pompeia. Escavado em 1959. Atualmente no Museu Arqueológico Nacional de Nápoles (MANN).



Fonte: POMPEIINPICTURES (2025)

Categoria de Análise	Descrição
Classificação Estilística (August Mau)	Quarto Estilo (<i>Estilo Intricado</i>), final do século I d.C.
Análise Iconográfica (Erwin Panofsky)	Pré-iconográfico: Figura feminina em posição frontal, portando um aulos (flauta dupla), vestida com túnica. Iconográfico: Identificação como Euterpe, Musa da música e da poesia lírica, ligada à inspiração artística. Iconológico: Euterpe simboliza a conexão entre música e elevação espiritual, valorizando a música como parte do cultivo intelectual e da educação moral.
Leitura segundo Jan Assmann	A presença da Musa reforça a música como elemento central na formação cultural e intelectual, transmitindo uma memória idealizada da cultura e do saber artístico.
Leitura segundo Aby Warburg	Euterpe reaparece preservando a iconografia grega da Musa, mas ganhando em Pompeia um papel visual na legitimação de valores culturais romanos ligados à educação e refinamento.

3. Deusa Fortuna com Sistrum

Local: Casa de *Philocalus*. *Região IX*, Pompeia. Escavado em 1847. Atualmente no Museu Arqueológico Nacional de Nápoles (MANN).



Fonte: POMPEIINPICTURES (2025)

Categoria de Análise	Descrição
Classificação Estilística (August Mau)	Quarto Estilo (<i>Estilo Intricado</i>), final do século I d.C.
Análise Iconográfica (Erwin Panofsky)	Pré-iconográfico: Figura feminina coroada, segurando um sistrum e uma cornucópia. Iconográfico: Identificação como Fortuna, deusa da sorte e do destino. Iconológico: Fortuna sugere o papel da música como parte do destino e da ordem cósmica, associando harmonia musical a prosperidade e equilíbrio.
Leitura segundo Jan Assmann	A imagem remete a um repertório de símbolos que articulam a memória cultural da música com ideias de sorte, prosperidade e estabilidade social.
Leitura segundo Aby Warburg	A deusa Fortuna, de origem helenística, é ressignificada no contexto romano como uma alegoria moral e política, preservando sua forma simbólica antiga, mas adaptada à iconografia local.

4. Io, Hermes (com Flauta) e Argus

Local: Templo de Ísis, Região VIII, Pompeia. Escavado entre 1764 e 1766. Atualmente no Museu Arqueológico Nacional de Nápoles (MANN).



Fonte: POMPEIINPICTURES (2025)

Categoria de Análise	Descrição
Classificação Estilística (August Mau)	Quarto Estilo (<i>Estilo Intricado</i>), final do século I d.C.
Análise Iconográfica (Erwin Panofsky)	Pré-iconográfico: Figura feminina parcialmente recoberta por véus, acompanhada de elementos narrativos e, possivelmente, figuras musicais adjacentes. Iconográfico: Identificação como Io, acompanhada de Hermes e Argus, ligada à narrativa de Zeus. Iconológico: A música é concebida como instrumento de poder e estratégia.
Leitura segundo Jan Assmann	A cena da narrativa mítica grega pode demonstrar condutas ideais e conflitos éticos.
Leitura segundo Aby Warburg	Io representa uma figura arquetípica de mediação e astúcia.

5. Anúbis, Harpócrates, Ísis e Serapis (ou Osíris) com Sistrum

Local: Casa dos Cupidos Dourados ou Casa de *Gnaeus Poppaeus Habitus*. Região VI, Pompeia. Escavado entre 1903 e 1905. O afresco permanece em seu local original (*in situ*).



Fonte: POMPEIINPICTURES (2025)

Categoria de Análise	Descrição
Classificação Estilística (August Mau)	Quarto Estilo (<i>Estilo Intricado</i>), final do século I d.C.
Análise Iconográfica (Erwin Panofsky)	Pré-iconográfico: Figura feminina com atributos egípcios, possivelmente portando um sistro. Iconográfico: Identificação como Ísis, deusa egípcia associada a rituais e cultos místéricos. Iconológico: Ísis simboliza a dimensão ritual e mística da música, reforçando a hibridização cultural entre Roma e o Egito.
Leitura segundo Jan Assmann	A imagem de Ísis preserva e transmite a memória cultural de tradições religiosas egípcias integradas ao cotidiano romano, representando a fusão de repertórios simbólicos.
Leitura segundo Aby Warburg	Ísis é uma representação apropriada e reelaborada pela arte pompeiana para dialogar com o sincretismo religioso romano.

As análises dos cinco afrescos revelam uma composição de significados visuais e simbólicos nos quais a música se apresenta não apenas como prática representada, mas como recurso simbólico que conecta diferentes universos culturais e espirituais. As figuras de Apolo, Ísis e Fortuna demonstram como a iconografia parietal de Pompeia reunia influências de várias culturas, onde elementos da tradição grega, egípcia e romana eram apropriados, reinterpretados e ressignificados no interior da sociedade romana imperial. Nesse contexto, as imagens não são apenas decorativas ou ilustrativas, mas trabalham como meios visuais para representar símbolos e valores culturais. Elas constroem narrativas visuais que vinculam mitologia, religiosidade, conduta social e idealizações de pertencimento. A presença de instrumentos musicais e divindades associadas à música sugere que esta arte está presente de forma conceitual, evocando práticas rituais, celebrações e experiências místicas.

A partir da ideia de *Memória Cultural* Jan Assmann, os afrescos analisados funcionam como suportes de memória, preservando e transmitindo visões de mundo por meio de um vocabulário visual estruturado em símbolos, figuras divinas e práticas associadas à música. Aqui, a memória não apenas preserva o passado, mas também ajuda a construir a identidade cultural e a manter as tradições ao longo do tempo. De forma complementar, Aby Warburg nos ajuda a compreender como essas imagens carregam um *Nachleben*, ou uma “vida póstuma”, que transcende seu tempo e espaço originais. A figura de deuses egípcios e gregos não são apenas remanescentes do passado, mas forças simbólicas que sobrevivem e se transformam em novos contextos.

A presença de elementos híbridos, como seres mitológicos variados e divindades de diferentes civilizações em cenas musicais reforça a ideia de que o Império Romano favoreceu o encontro de elementos visuais de diferentes tradições culturais, como os encontrados em Pompeia.

Conclusão

A análise iconográfica dos cinco afrescos de Pompeia permitiu mostrar como as imagens com temática musical funcionavam, no contexto romano, não apenas como representações visuais, mas como expressões culturais que transmitem símbolos, preservam memória e representam rituais.

A partir das teorias de August Mau, Erwin Panofsky, Jan Assmann e Aby Warburg, foi possível compreender como os registros analisados participam de maneira ativa na produção e transmissão cultural. Sob a ótica de Mau, a classificação dos estilos nos afrescos ajuda a contextualizar sua inserção temporal e decorativa nos espaços domésticos. Panofsky, por sua vez, realiza uma leitura em profundidade das imagens, indo do aspecto formal ao simbólico.

Ao integrar os conceitos de *Memória Cultural* de Assmann e vida póstuma das imagens (*Nachleben*), de Warburg, é possível perceber que os afrescos não apenas ilustram práticas do passado, mas trazem de volta símbolos antigos que ajudam a construir uma identidade romana baseada na apropriação e adaptação de modelos estrangeiros. A música, nesse cenário, aparece como articuladora de sentidos e mediadora entre os mundos humano e divino.

Por fim, pode-se concluir que as imagens murais de Pompeia analisadas nesta pesquisa não apenas refletem a diversidade cultural do mundo romano, mas oferecem modelos ideais de conduta, espiritualidade e identidade. A música atua como fio condutor dessa complexa rede de significados, permitindo compreender como os romanos concebiam e assimilavam o mundo à sua volta.

Referências

- ASSMANN, Jan. (2016). *Memória comunicativa e memória cultural*. Disponível em: <<https://revista.historiaoral.org.br/index.php/rho/article/view/642>>. Último acesso em 07/08/2025.
- DESSÍ, Paola. *Music, Power, and Propaganda in Julio-Claudian Imperial Rome*. In: LYNCH, Tosca A.C., and ROCCONI, Eleonora (eds.), *Companion to Ancient Greek and Roman Music*. Hoboken: Wiley, 2020.
- DIDI-HUBERMAN, Georges. *A Imagem Sobrevivente: história da arte e tempo dos fantasmas segundo Aby Warburg*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 2013.
- MAU, August. *Pompeii: Its life and art*. London: Macmillan Co., Ltd, 1902. Disponível em: <https://www.gutenberg.org/files/42715/42715-h/42715-h.htm#Page_456>. Último acesso em: 08/08/2025.
- MORGAN, Harry. *Music, Politics and Society in Ancient Rome*. New York: Cambridge University Press, 2022.
- PANOFSKY, Erwin. *Significado nas artes visuais*. Tradução de Inês Autran Dourado. São Paulo: Perspectiva, 1999.
- POMPEIINPICTURES.com. 2025. Disponível em: <<https://pompeiiinpictures.com/>>. Último acesso em 13/08/2025.
- SENDREY, Alfred. *Music in the social and religious life of Antiquity*. New Jersey: Associated University Presses, Inc., 1974.
- SOMAVILLA, Abigail. *Música e filosofia na Antiguidade*. Disponível em: <<https://revistas.fapas.edu.br/index.php/safilosofia/article/view/248/148>>. Último acesso em: 13/08/2025.